

Entrevista

Prof. Dr. Allyson Carvalho de Araújo (por Alison Pereira Batista)

RESUMO

Entrevista realizada com Allyson Carvalho de Araújo por Alison Pereira Batista, para a seção temática “Educação Física brasileira e desafios contemporâneos: responsabilidades, compromissos e diálogos com as mídias, tecnologias e cultura digital”, da Motrivivência (LaboMídia/UFSC), em edição associada ao GTT 2 – Comunicação e Mídia do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) – realizada em julho de 2024.

PALAVRAS-CHAVE: Allyson Carvalho de Araújo; Entrevista; Dossiê

Allyson Carvalho de Araújo

Doutorado em Comunicação (UFPE)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
(UFRN)
Natal, RN, Brasil
allyssoncarvalho@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-0114-8122>

Alison Pereira Batista

Doutor em Educação (UFRN)
Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN)
Parnamirim, RN - Brasil
alison.batista@ifrn.edu.br
<https://orcid.org/0000-0002-5293-0993>

Interview: Allyson Carvalho de Araújo (by Alison Pereira Batista)

ABSTRACT

Interview with Allyson Carvalho de Araújo by Alison Pereira Batista, for the thematic section "Brazilian Physical Education and contemporary challenges: responsibilities, commitments and dialogues with the media, technologies and digital culture", from Motrivivência (LaboMídia/UFSC), in an edition associated with GTT 2 - Communication and Media - Brazilian College of Sports Science (CBCE), was held in august 2024.

KEYWORDS: Allyson Carvalho de Araújo; Interview; Dossier

Entrevista: Allyson Carvalho de Araújo (por: Alison Pereira Batista)

RESUMEN

Entrevista realizada con Allyson Carvalho de Araújo por Alison Pereira Batista, para la sección temática "Educación física brasileña y desafíos contemporáneos: responsabilidades, compromisos y diálogos con los medios, tecnologías y cultura digital", de Motrivivência (LaboMídia/UFSC), en edición asociada al GTT 2 - Comunicación y Medios del Colegio Brasileño de Ciencias del Deporte (CBCE) - realizada en agosto de 2024.

PALABRAS-CLAVE: Allyson Carvalho de Araújo; Entrevista; Dossier

1 Considerações iniciais sobre a entrevista

Antes de apresentar a entrevista com o Prof. Dr. Allyson Carvalho de Araújo, irei tecer algumas considerações sobre como o conheci e informações sobre sua trajetória acadêmica e de vida, que não estão registradas em seu Currículo Lattes. Discorrer sobre esses momentos representa para mim um resgate de memórias afetivas que guardo com esmero e que compartilho com alegria com os leitores desta seção temática da Motrivivência.

Foi no ano de 1994 que ouvi falar pela primeira vez de um atleta de 12 anos, prodígio do voleibol potiguar, que estudava no Colégio Marista, em Natal (RN). Esse atleta era meu xará, e, mal sabia, iria se tornar o professor universitário Allyson Carvalho de Araújo, pesquisador de grande renome, com inúmeras contribuições para pensar a Educação Física.

Em 1997, tive a oportunidade de estudar na mesma escola que ele, ser atleta de voleibol e participar também da mesma equipe, porém na categoria juvenil, por ser mais velho. Não tivemos aproximações naquela época, pois, assim que cheguei ao Colégio Marista, o jovem Carvalho¹ optou por morar e jogar voleibol na cidade de Recife (PE), com o intuito de prosseguir em seu projeto rumo ao esporte profissional.

Passei anos sem notícias daquele jovem talentoso, mas nossos caminhos se cruzaram novamente em 2001, dessa vez, como acadêmicos do curso de Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Eu, na condição de veterano, e Carvalho, como calouro. Durante a graduação, trabalhamos como bolsistas de iniciação científica em um projeto de pesquisa que tematizou a aprendizagem motora no voleibol, coordenado pelo Prof. Dr. José Pereira de Melo, o qual, posteriormente, tornou-se um espelho profissional e amigo comum aos “Allysons”.

Foi durante a graduação que conheci um pouco mais aquele jovem interessado em aprender sobre tipos e técnicas de pesquisa, e sobre a aplicação das famosas normas técnicas da ABNT. Na condição de bolsista mais antigo, tentei compartilhar um pouco do que sabia; no entanto, percebi rapidamente que aquele calouro detinha um potencial peculiar e uma facilidade em aprender sobre métodos de pesquisa.

Nesse período, Carvalho ingressou em 2001 no Grupo de Estudos Corpo e Cultura de Movimento (GEPEC/UFRN), coordenado pelo Prof. Pereira, e prosseguiu com seus investimentos acadêmicos, buscando semear o terreno para ingressar na carreira docente, com foco no ensino superior. Eu, por outro lado, trilhei caminhos diferentes e atuei como técnico esportivo de voleibol, *badminton* e professor de Educação Física na educação básica. Desse modo, assim como o período do colégio, novamente nos distanciamos, mas dessa vez sem perdermos totalmente o contato.

Todavia, em 2013 iniciamos efetivamente a construção de uma parceria científica, que perdura até os dias atuais. Naquele ano, conclui o Mestrado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte) e Carvalho, na condição de professor efetivo da UFRN, convidou-me para integrar a equipe de pesquisadores do projeto intitulado “Mídia-Educação Física em tempos de Megaeventos esportivos: impactos sociais e legados educacionais”. Esse projeto foi um divisor de águas para mim, pois levou-me a ingressar no Laboratório de Estudos em Educação Física, Esporte e Mídia (LEFEM), fundado e coordenado por

¹ Nas considerações iniciais, tomei a liberdade de chamar o entrevistado de Carvalho. Não tenho dúvidas que se estivéssemos em funções inversas, ele me trataria por Batista, pois é assim que nos dirigimos no dia a dia, nos grupos de WhatsApp e mesmo nos momentos acadêmicos formais.

Carvalho, naquele mesmo ano, e me aproximou efetivamente da temática das mídias e tecnologias e seus entrelaçamentos com a Educação e a Educação Física.

Diante disso, em agosto de 2024, com um contato iniciado há aproximadamente 27 anos, tenho a satisfação de entrevistar esse profissional potente, parceiro, competente e generoso que tanto respeito e admiro. Esse momento é uma forma de apresentar esse profissional e seus projetos, como também de rememorar o percurso percorrido por ele até se tornar um exímio pesquisador da área.

Ao combinarmos o formato da entrevista, Carvalho optou por receber as perguntas por escrito e organizar suas respostas também dessa forma. Para ele, seria mais fácil organizar seu discurso desse modo, não alongando a entrevista, nem correndo o risco de distanciar-se do foco principal das respostas. Por isso, agradeço o aceite, o tempo dedicado, o contributo e a oportunidade de aprender com suas reflexões.

Dito isso, antes de acessarmos e apreciarmos a entrevista, gostaria de trazer um pequeno recorte de sua trajetória acadêmica e profissional:

Allyson Carvalho de Araújo cursou licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2004), mestrado em Educação (2006) pela mesma universidade, doutorado em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (2012) e pós-doutorado pelas seguintes universidades: Universidad de Cádiz (2021), Universidade Federal da Paraíba (2019), The University of Auckland (2018) e Western Sydney University (2018). Também foi professor visitante na Loughborough University (2023/2024). Atualmente, é Professor Associado III da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação Física (PPGEF-UFRN) e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED-UFRN). Também já foi Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação Física em Rede (PROEF), no polo UFRN. É membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Corpo e Cultura de Movimento (GEPEC) e do Grupo de Pesquisas



Transdisciplinares em Comunicação e Cultura (Marginália), além de Coordenador do Laboratório de Estudos em Educação Física, Esporte e Mídia (LEFEM). Tem experiência na área de educação, comunicação, saúde e tecnologia, com ênfase em Educação Física, atuando principalmente nos seguintes temas: comunicação, educação, mídia, tecnologia, saúde, políticas públicas e justiça social. Pai por adoção de José Ygor.

Link do Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3443942683481696>.

2 Entrevista com Allyson Carvalho de Araújo

Alison Batista (AB): *Inicialmente, gostaríamos que você traçasse um panorama histórico a partir de sua trajetória no campo que envolve educação com mídias, tecnologias e cultura digital e, também, explicasse como você observa, atualmente, essas relações com as tecnologias no contexto educativo e formativo.*

Allyson Araújo (AA): De forma acadêmica, o meu debruçar sobre o tema tem início a partir do ano de 2004, em estudos vinculados à finalização de minha especialização em Corpo e Cultura de

Movimento e o mestrado em Educação, ambos pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Naquele momento, estava interessado em pensar como narrativas audiovisuais em programas de TV aberta impactavam a compreensão do esporte pelos estudantes, tema de minha dissertação (Araújo, 2006). Contudo, penso que a faísca que me levou a elaborar sobre isso em ambiente acadêmico foi bem anterior: os XXV Jogos Olímpicos, em Barcelona, no ano de 1992.

Naquela época, com 10 anos de idade e com um sentimento de inadequação em relação ao futebol na escola, vi-me inebriado pela conquista da medalha de ouro pela seleção de vôlei masculino do Brasil nas olimpíadas de Barcelona. Ainda lembro de ângulos captados e transmitidos pela TV, da quantidade de *replays* do último ponto, marcado com um saque-viagem. Lembro também de como a vitória foi explorada longamente pela mídia televisiva – meio de comunicação mais imediato para mim, na época. Aquele momento histórico me afetou ao ponto de me encaminhar para a prática sistemática de voleibol por mais de 25 anos. Embora o fascínio fosse o elemento mais presente nos anos de início de prática, essa experiência foi determinante para a forma como me relacionei com o esporte ao longo de minha vida.

Perceba, o consumo massivo na televisão de uma narrativa heroica da conquista dos atletas naquele campeonato teve efeito decisivo em toda uma geração de jovens. Eu, em alguma medida, fui atravessado por esse agendamento e, mesmo acompanhando algumas leituras mais sociológicas da profissionalização do voleibol brasileiro (Marchi Jr., 2004), vi-me interessado em compreender o processo de leitura do fenômeno esportivo televisionado, o qual Betti (1998) chamou de “telespetáculo esportivo”, sob a perspectiva da estética fenomenológica.

Na continuidade dos trabalhos, já em nível de doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco, e com a ampliação de repertório cultural, continuei apostando no audiovisual, com centralidade no Cinema (Araújo, 2012). A ideia era pensar processos de representação e de ressignificação do esporte na produção cinematográfica mundial durante o período da virada do século XX para o XXI, ainda apostando em uma perspectiva estética.

Tendo isso em vista, chamo atenção para dois elementos que se interligam na minha trajetória, um teórico e outro vivencial. Eu, enquanto pesquisador, tenho pautado minha agenda de trabalho pelo que me afeta na vida ordinária, e isso tem base na perspectiva teórica à qual tive acesso ainda na graduação. Trata-se da fenomenologia de Merleau-Ponty, em que o sujeito e seu objeto estão imbricados. Assim, visto que sujeito e objeto não se separam, posso dizer que a escolha de meu objeto se deu pela necessidade de compreender o que vivo.

Após o doutoramento, minha vivência continua a guiar as questões de estudo, sobretudo para pensar o ensino de Educação Física. Como docente, comumente me pego me questionando sobre como os meus alunos são atravessados pelos inúmeros dispositivos tecnológicos em seu aprendizado. Dessas questões já surgiram meia dúzia de projetos de pesquisa que articulam elementos culturais, usos e acesso a dispositivos tecnológicos e aulas de Educação Física.

Pensando o contemporâneo, percebo que no cenário atual muito já foi falado que não há mais a possibilidade de pensar a educação sem tecnologia ou conectividade. De fato, eu tendo a concordar com tal assertiva, mas gosto sempre de ponderar que faz parte do exercício docente o tensionamento dos elementos de cultura – dentre eles a avalanche tecnológica que nos abate – para evitar que nós nos perdamos na replicação acrítica da pauta de outros setores (ex: mercado, política, interna e externa, etc.) que não se ocupam em pensar a formação humana.

Dessa forma, agregar e adensar a reflexão sobre tecnologias no contexto educacional não é tarefa fácil, tampouco técnica; exige um movimento de desconfiança constante e de coragem de experimentar, sempre colocando as intenções pedagógicas como norte dos usos e das criações para com as tecnologias.

Alison Batista (AB): *Há uma diversidade e complexidade de nomenclaturas (Mídias, TDIC, Plataformas digitais, Letramento Digital, Alfabetização Midiática e Informacional, Literacias de Mídia e Informação etc.) na pesquisa, ensino e extensão acerca do tema. Com qual referencial teórico-conceitual você se identifica e qual(uais) terminologia(s) escolhe adotar em suas ações acadêmicas e investigativas?*

Allyson Araújo (AA): Essa é uma pergunta muito interessante e penso que muitos dos estudantes e pesquisadores em formação se confundem com tantos conceitos. Particularmente, tenho trabalhado com a mídia-educação como um panorama teórico que me possibilita pensar o imbricamento entre as áreas da comunicação e da educação. Assim, por não ser uma abordagem teórica “pronta”, a mídia-educação favorece o contínuo questionamento e a experimentação.

No que tange ao objeto, tenho utilizado os termos mídia(s) e tecnologia(s), mesmo entendendo a denúncia de colegas que anunciam redundância em citar os dois termos. De minha parte, penso que, ao tratar da mídia, na maioria das vezes, estamos – eu e meus parceiros de pesquisa – trabalhando com narrativas midiáticas que interpelam os sujeitos por diferentes linguagens e estruturas de narração sobre/com o corpo e as práticas corporais. Já quando tratamos de tecnologias, focamos em problematizar artefatos e dispositivos tecnológicos como produto e processo cultural, com suas implicações para o campo da Educação Física, a exemplo de usabilidades dos dispositivos tecnológicos, interação homem-máquina, estruturas de plataformas etc. Estou ciente de que ambas as abordagens se interpenetram, mas escolher uma para me guiar didaticamente tem me ajudado a manter o foco em questões mais específicas de ensino, pesquisa e extensão.

Acessoriamente, a cada nova aposta ou produção acadêmica eu me permito acionar outros conceitos que ganham pertinência frente o fenômeno estudado, a exemplo das noções de multiletramentos, competências digitais, convergências digitais, dentre outros. Assim, destaco que não sou um pesquisador que trabalha de forma rígida com temas, metodologias e teorias. Em vez disso, penso que faz bem para quem pesquisa e para quem consome pesquisa sempre oxigenar suas ideias com novas lentes de leitura do mundo.

Alison Batista (AB): *Diante das experiências que tivemos em todos os campos da vida em decorrência da pandemia de Covid-19 (entre 2020 e 2023) e do isolamento e distanciamento social obrigatórios, como você analisa a vida em “modo remoto” e outras questões, como educação à distância, homeschooling, Inteligência Artificial ou outros aspectos que deseje destacar?*

Allyson Araújo (AA): Primeiramente, é importante considerar o período crítico da pandemia de Covid-19 como um tempo-espaço destacado em relação aos modos de ser e de viver. Trata-se de um marco histórico de emergência sanitária, que desencadeou um reimaginar de práticas sociais até então estáveis na rotina de todos.

Dito isso, é importante pensar hoje nas marcas deixadas por esse tempo em nós. A primeira questão é que, segundo estudos internacionais, tem-se apontado duas tendências para a educação no período pós-pandemia: (01) reestruturação das práticas presenciais de ensino a partir da experiência do ensino remoto emergencial, altamente mediado por tecnologias digitais; e (02) regresso e/ou reafirmação das práticas de ensino historicamente construídas, como resposta radical contra o modelo não presencial de ensino.

Quanto à primeira tendência, tenho a entendido como uma atitude proativa de aproveitamento da experiência visando ao aprendizado e ao enriquecimento das práticas futuras, mesmo que não esteja claro como isso se organizará ainda. Já a segunda, tenho a lido como uma “ressaca”, isto é, uma sensação de esgotamento físico, mental e emocional que, mediante excesso – nesse caso, de uso de tecnologia digital no ensino –, promove uma negação aguda do elemento experimentado.

Na pesquisa que tenho desenvolvido atualmente, têm aparecido os dois fenômenos: professores de Educação Física com ânimo para implementar nas rotinas de ensino presencial alguns elementos vividos no ensino remoto emergencial, bem como professores de Educação Física que não querem ouvir falar em aula remota, *quiz*, grupos em aplicativo de mensagens, dentre outros elementos comuns durante a pandemia.

De toda forma, esse espaço-tempo pandêmico nos oportunizou reconhecer de forma mais evidente nossas demandas existenciais, percepções de mundo e pré-disposições para atuar socialmente. A maior parte das marcas deixadas por esse período não são confortáveis de rememorar, como frustrações, perda de entes queridos, angústia e solidão. Entretanto, houve também marcas positivas, como a agilidade, o *home office*, as ferramentas colaborativas e as plataformas de gerenciamento de tarefas, as quais permaneceram, mesmo após o espaço-tempo pandêmico, em nosso cotidiano, prova de que fazem sentido em nossa experiência.

Tendo isso em vista, se somos produto e processo dos eventos que nos atravessam em nossa história, penso que não seja diferente neste período pós-pandemia em que vivemos. As formas de reverberar o vivido são fruto da experiência circunscrita ao tempo do isolamento social; mas como iremos elaborar isso ao longo do restante de nossos dias dialoga com os novos arranjos que cada setor de nossas vidas tem passado. O tempo não para, e nossa capacidade de nos reinventar também não cessa.

Alison Batista (AB): *De acordo com sua perspectiva teórica e sua observação da realidade, quais dificuldades existentes nas relações educativas envolvendo mídias, tecnologias e cultura digital?*

Allyson Araújo (AA): Penso que, para além das constatações amplamente registradas de ausência de conectividade, dispositivos tecnológicos, formação de professores, dentre outros, penso que, em conjunto, nas análises que tenho tido acesso ou que eu mesmo tenho feito, a problemática crônica é a ausência de um planejamento orgânico para a integração das mídias e tecnologias nas demandas educacionais. Nesse sentido, as iniciativas, sejam de políticas educacionais nacionais ou estaduais, seja de projetos localizados, parecem carecer de uma articulação entre si. De outro ângulo, tais iniciativas não operam com horizontes de alcance nítidos. Vamos aos exemplos:

- (1) Ao tematizar a relação entre mídias, tecnologias e cultura digital, tanto as diretrizes para formação de professores em Educação Física quanto a política curricular nacional fazem seus apontamentos sobre o tema. Contudo, tais apontamentos não tem organicidade para pensar as

habilidades que um futuro professor necessita em relação ao próprio currículo que ele deve desenvolver em seu ofício;

- (2) Ao promover a cessão de dispositivos tecnológicos a alunos e/ou professores, muitas redes de ensino pecam ao não direcionar ou propor formas de uso de tais dispositivos. Assim, muitas vezes o *hardware* torna-se um artefato acessório ao processo educacional ou mesmo um elemento distante do ecossistema de aprendizagem.

Tendo em vista tais problemáticas apontadas nos exemplos citados, a ausência de clareza do que se almeja com a integração de mídia e tecnologia nas escolas também abre espaço para fetiches tecnológicos e adesão acrítica de “novas tecnologias” – termo constantemente requeitado na área.

Assim, penso que, com respeito às dificuldades mais ordinárias da integração da tecnologia na escola, faz-se necessário um plano bem delimitado, articulado, exequível e agregador, capaz de por em movimento as diferentes frentes de investimento no campo e apontar metas nítidas de uso, crítica e criação de estratégias para aliar a educação às mídias e às tecnologias.

Alison Batista (AB): *Ainda de acordo com a perspectiva epistemológica que segue e/ou com investigações que já realizou ou vem realizando, qual(is) desafio(s) contemporâneo(s) identifica como sendo o(s) mais relevante(s) quanto às dinâmicas sociais e culturais envolvendo educação, mídias, tecnologias, cultura digital e inteligência artificial?*

Allyson Araújo (AA): Tempos atrás diria que, para a Educação Física, o desafio era a experimentação de múltiplas linguagens para acionar o conhecimento de área, ou seja, o campo se permitir acionar seus saberes para além do gesto motor das diversas práticas corporais. Hoje, embora não pense que esse desafio está superado, sei que a jornada foi iniciada, e isso me conforta em alguma medida.

Contudo, a própria porosidade das mídias e tecnologias em nosso cotidiano tem transformado a nossa experiência com o tempo, que, para mim, tem se tornado epicentro de nossos desafios. Vídeos cada vez mais curtos, necessidade de *feedbacks* mais rápidos, atenção somente aos títulos das notícias, compartilhamentos de mensagens sem a devida atenção ao conteúdo, um *feed* infinito de conteúdos nos chama e pede menos atenção e mais tempo. Esses são sintomas de como estamos sendo afetados por uma celeridade ostensiva que não dá espaço para refletir, comparar, discernir, organizar nossas próprias ideias e posicionamentos.

Tendo isso em vista, sendo o campo educacional um território que demanda espaços temporais não comprimidos e que prime pela formação humana, penso que é necessário tencionar tal celeridade com as próprias plataformas que nos pressionam a comprimir o tempo de pensar e estender o tempo de consumo. Alguns dirão que talvez devêssemos nos isentar do acionamento de tais mídias e plataformas tecnológicas, mas essa narrativa é, a meu ver, requeitar argumentos elitistas e puristas dos saberes eleitos para compor um currículo de ensino.

Em vez disso, penso que se a educação se exime de tal tensionamento, abre-se espaço para outras lógicas imperarem e, posteriormente, a própria escola ser acusada de não mais corresponder às demandas contemporâneas. Assim, é importante equacionar o compromisso com a formação humana e as oportunidades de tencionar fenômenos que possam, em um primeiro olhar, empobrecê-la.

Alison Batista (AB): *Considerando-se a Educação Física no campo educacional e formativo, quais aproximações, observações e constatações você tem realizado no que concerne à participação de agentes da Educação Física na integração entre os campos de educação, mídias, tecnologias e cultura digital?*

Allyson Araújo (AA): Particularmente, observo com entusiasmo como os professores e professoras de Educação Física tem atuado na interface com a mídia e a tecnologia. A despeito de muita resistência dos espaços de ensino e da própria tradição do campo em pautar-se pela atividade física, temos visto uma ampliação orgânica dos grupos de pesquisa, dos coletivos de professores em formação continuada e de experiências localizadas de acionamentos da mídia e/ou tecnologia nas aulas de Educação Física.

Um mapeamento recente feito pelos colegas Tatiana Zylberberg, Alan Queiroz, Bianca Poffo, Janaina Dieder e Diego Mendes (Zylberberg *et al.*, 2022) mostrou o quanto estão ramificados os pesquisadores do campo e seus respectivos grupos. Nesse mesmo levantamento, percebeu-se a existência de mais de 20 instituições de ensino por todo o Brasil com uma disciplina que aciona a relação entre Educação Física e mídia/tecnologia.

Penso que a organização de tais professores/pesquisadores em associações científicas, como o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), ajuda a agregar sujeitos com ideias afins. Contudo, perdura o desafio de ampliar o debate para além dos espaços acadêmicos. Pensando nisso, nós, do LEFEM (Laboratório de estudos em Educação Física, Esporte e Mídia), temos acionado com frequência as redes de ensino do município de Natal e do estado do Rio Grande do Norte na participação de debates sobre a interseção entre as mídias e tecnologias.

Entre avanços e resistências, temos percebido que algumas faíscas ficam e nos ajudam a perceber o quão perene o debate pode ser nos espaços escolares. Um belo exemplo é que, após mais de cinco anos de aproximação com o Grupo de Formação Continuada em Educação Física (FOCO), da Secretaria Municipal de Educação da cidade do Natal, tivemos a grata surpresa de ter acesso a um documento referencial curricular da área, construído pelos próprios professores, em que a integração da mídia e da tecnologia está registrada como um dos pressupostos norteadores (Araújo e Cavalcante, 2023).

De toda forma, avanços podem ocorrer de muitas formas e em cada uma delas habita uma certa compreensão de mídia e/ou tecnologia. Assim, espero fortemente que sempre possamos ter a serenidade e a maturidade de realinhar nossas propostas de trabalho, para que o campo da Educação Física possa continuar sendo um espaço potente de produção de conhecimento e de práticas pedagógicas engajadas com o seu tempo.

Alison Batista (AB): *O que você pensa sobre a expressão “experiências inovadoras”, que se tornou bastante comum no campo educativo e universitário brasileiro? Além disso, o que considera como relevante, estimulante e efetivo naquilo que envolve os conteúdos escolares – e, no caso específico da EF, poderíamos pensar na cultura corporal de movimento como objeto de ensino – em um trabalho pedagógico que considere também as mídias e tecnologias?*

Alyson Araújo (AA): De fato, a expressão “experiência inovadora” tem sido usada com frequência acentuada. Até onde acompanho, tal uso recorrente da expressão é mais um sintoma do quanto se busca mais uma inovação do que a efetivação de uma ação inovadora. Ao fazer a vinculação da noção

de inovação com as mídias e tecnologias, percebe-se que, muitas vezes, essa relação está circunscrita ao uso de tecnologias, geralmente digitais, em alguma função didática.

Contudo, tal compreensão de inovação é extremamente limitada. Ora, substituir uma lousa por uma tela, com o mesmo intuito de expor uma sequência de pensamento em aula expositiva, não altera a experiência de ensino-aprendizagem. Da mesma forma, aplicar um questionário de perguntas fechadas em uma plataforma digital, muitas vezes, não modifica a experiência de uma aplicação desse mesmo questionário em formato impresso.

A rigor, a noção de inovação vincula-se à criação e/ou implementação de novos conceitos, produtos e/ou processos. Tendo isso em vista, a inclusão de um novo elemento, como a tecnologia digital, não garante por si só inovação pedagógica, porque a forma com que a tecnologia foi usada não promove alterações no processo de ensino; a aula expositiva permanece uma aula expositiva e o inquérito, no que se constitui os questionários com questões fechadas, permanece um inquérito.

Normalmente, tal equívoco conceitual é tributário da experiência do docente que foca sua atenção na celeridade da projeção do conteúdo ou no extrato da pontuação dos alunos. De fato, nesses exemplos, houve uma mudança na forma e na velocidade da gestão de alguns aspectos didáticos – tempo de aula, avaliação –, mas não houve modificação na forma de ensinar. Assim, se na percepção do docente há alguma modificação no processo, isso não se faz verdadeiro para a experiência do aluno.

Pensando na especificidade da Educação Física outros exemplos são clássicos, como inserir acriticamente *games* de danças com sensores de movimento. Contudo, reafirmo, usar tal artefato para que os alunos reproduzam a dança de um *avatar* no *game* e sejam pontuados por sua performance via mapeamento de seus movimentos pode ser caracterizada como tão tecnicista quando a aula em que o professor fica a frente exemplificando o exercício e pede que os alunos o reproduzam. A aula, nesta cena hipotética, ainda é diretiva e busca a execução de uma técnica padronizada, sem abertura para a (co)criação de docentes e discentes.

Em resumo, existe, em minha leitura, um equívoco posto entre a experiência de ferramentas que auxiliam no trabalho docente e a transformação, ou inovação, do ensino. Penso que todos nós precisamos reavaliar as distinções de tais experiências, e outras que possam existir, antes de anunciar possíveis inovações.

Alison Batista (AB): *Observando como um expectador externo à prática da EF no ambiente escolar, como avalia o fato de, no Brasil, o componente curricular Educação Física compor a área de Linguagens, a partir da Base Nacional Comum Curricular de 2018? Que reflexões poderia fazer a respeito das possibilidades desse enquadramento, mas também das problemáticas envolvidas nesse processo?*

Alyson Araújo (AA): Meu primeiro impulso de resposta é de uma avaliação positiva desse enquadramento. Penso que para quem vem acompanhando o movimento do pensamento pedagógico da Educação Física brasileira nas últimas três décadas não deve estranhar por completo considerar esse componente curricular como linguagem. Contudo, existe uma distância entre perceber como isso foi se estruturando nas narrativas pedagógicas da área e o que isso implica na operacionalização didática no ensino de Educação Física escolar. Diante disso, parte dos professores ainda não compreenderam claramente as implicações pedagógicas do enquadramento da Educação Física como

pertencente à área de Linguagens, o que faz meu entusiasmo por vezes ganhar contornos de preocupação.

Percebam, a oportunidade que temos com tal organização curricular é muito potente para promover as mudanças substanciais que nossa área anuncia carecer desde o movimento renovador da Educação Física. Contudo, considerar a Educação Física enquanto linguagem porque um documento de política curricular afirma tal fato, sem alterar a tradição de uma vivência repetitiva e acrítica das práticas corporais, é transformar tal oportunidade em um discurso vazio.

Essa oportunidade e suas implicações na operacionalização de uma Educação Física radicalmente distinta recordam-me trechos do livro “*Physical Education Futures*”, de David Kirk (2010). Nele, o autor apresenta três possibilidades para o futuro da Educação Física: (1) mais do mesmo, (2) reforma radical ou (3) extinção, com “a primeira sendo julgada mais provável no curto a médio prazo e a última no longo prazo” (Kirk, 2010, p.138) devido à resistência às mudanças em nosso campo. Kirk, (2010), portanto, advoga pela necessidade de uma reforma radical da pedagogia da Educação Física, que deva romper com elementos de sua historicidade a fim de ganhar a relevância social que acreditamos merecer.

Diante disso, penso que, com a inserção da Educação Física na área de Linguagens, temos uma oportunidade formalizada de romper com elementos da tradição pedagógica que tanto foram criticados (ex: tecnicismo, esportivização, etc.). A construção do pensamento do campo acumulou argumentos em prol de uma nova compreensão de área, a qual, por mais que ainda não esteja bem definida teoricamente, foi acolhida pela política curricular brasileira.

É hora, portanto, de reimaginar práticas pedagógicas que sejam atravessadas por múltiplos modais de linguagem para tratar do conhecimento de área; de experimentar outras formas de ensinar e aprender sobre e com o corpo. É passado do momento de conciliar uma nova compreensão de área com uma ação didática que suporte rompimentos necessários com alguns elementos da tradição que já cumpriram seu papel na história da Educação Física brasileira.

Alison Batista (AB): *Poderia sugerir alguma(s) produção/publicação sua (antiga e/ou recente) que acredita ser um importante suporte teórico para aqueles(as) que atuam no contexto pedagógico e sociocultural da Educação Física?*

Allyson Araújo (AA): O laboratório que coordeno juntamente com o professor Marcio Romeu Ribas de Oliveira, o LEFEM, tem se esforçado em pensar experimentos didáticos que colaborem em articular diferentes linguagens midiáticas e suportes tecnológicos na prática pedagógica em educação física escolar. Com intuito de organizar uma lógica de acionamento, o grupo do LEFEM sistematizou uma sequência possível para acionar a mídia-educação. Tal sequência teve sua primeira experimentação 10 anos atrás (Chaves *et al.*, 2015) e depois passou por ajustes, acréscimos e releituras tributária de projetos mais amplos (Araújo *et al.*, 2016; Araújo, 2017) e mais recentemente tivemos uma versão revisada e propositiva publicada internacionalmente (Araújo, Batista, Oliveira, 2024).

Não penso que a sequência seja a produção mais inovadora ou potente de nosso grupo de pesquisa, mas penso que é uma indicação interessante para quem quer iniciar seus experimentos pedagógicos em diálogo com a mídia-educação. Uma introdução palatável e mais concreta para quem é neófito no (sub)campo. Assim a sugestão é um convite a aventurar-se e remixar o que

sistematizamos. Não pretendíamos no momento de sistematização criar uma estrutura rígida, mas antes apontar caminhos... Sugiro que os possíveis leitores criem os seus a partir de nossas pistas.

Alison Batista (AB): *Gostaríamos que nos concedesse algumas palavras finais, pensando no tema desta seção temática – “Educação Física brasileira e desafios contemporâneos: responsabilidades, compromissos e diálogos com as mídias, tecnologias e cultura digital”, e que, se assim desejar, deixasse registrado mais algum ponto que não tenha sido contemplado nas questões anteriores.*

Allyson Araújo (AA): Primeiramente, gostaria de parabenizar os organizadores desta seção temática pela aposta em um tema tão pujante, bem como a lembrança de meu nome para colaborar de alguma forma com este empreendimento acadêmico. Penso que, dada a velocidade de circulação de informação e de acesso a novas tecnologias, tal tema nunca irá se esgotar.

Contudo, é oportuno articular autores de tanta representatividade no (sub)campo da comunicação e mídia na educação física para que tenhamos uma “fotografia” do tempo presente. Destacar especificamente os desafios contemporâneos para a EF brasileira é também relevante pela recente convergência de elementos políticos, como a publicação de nossa política curricular no documento da Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), e sanitários, com a emergência e arrefecimento da pandemia de covid-19. O primeiro elemento tem uma implicação sobre a compreensão da Educação Física e, consequente, sobre a oportunidade de multiplicar as formas de linguagens para o ensino de EF, incluindo pensar as questões de mídia e de tecnologia, como temos apontado (Araújo; Surdi, 2023; Oliveira *et al.*, 2021). Já o segundo mobilizou alguns saberes e fazeres de professores de Educação Física, que desestabilizam a forma como vemos o ensino dessa disciplina, conforme também já registramos (Silva *et al.*, 2021; Freire *et al.*, 2022).

Nesses termos, a seção temática extrapola o elemento da pertinência histórica e se coloca como socialmente comprometida, ao explorar as responsabilidades que assumimos e os compromissos que temos ao abordar os temas de mídias e tecnologias. Por isso, estou certo de que será uma contribuição substancial para a área e parabeno os organizadores pela iniciativa e retidão na empreitada.

Finalizamos a entrevista trazendo as referências utilizadas durante a argumentação do Prof. Dr. Allyson Carvalho de Araújo. Essas publicações são também indicações de leitura por contribuir com a produção de conhecimento sobre mídias e tecnologias no contexto pedagógico e sociocultural da Educação Física.

Referências e indicações de leitura

ARAÚJO, Allyson Carvalho de; BATISTA, Alison Pereira; OLIVEIRA, Márcio Romeu ribas de. Digitally Supported Assessment in Physical Education with a Social Pedagogy Perspective. In: Dania, Aspasia; Farias, Cláudio. (Org.). **Social Pedagogy in Physical Education: Human-Centred Practice**. Oxon: Routledge, 2024, v. 1, p. 1-11.

ARAÚJO, Allyson Carvalho; BATISTA, Alison Pereira; SOUSA, Dandara Queiroga Oliveira de; BARROS, Joyce Mariana Alves.; OLIVEIRA, Márcio Romeu ribas de; TINOCO, Rafael de Góis. **Megaeventos esportivos e seus legados: reflexões sobre Copa do Mundo 2014 a partir da Mídia-Educação**. Natal: EDUFRN, 2016.

ARAÚJO, Allyson Carvalho de. **Um olhar estético sobre o telespetáculo esportivo: contribuições para o ensino do esporte na escola**. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2017.

ARAÚJO, Allyson Carvalho de. **Elementos do pós-moderno na representação do esporte no cinema contemporâneo**. 2012. 154 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

ARAÚJO, Allyson Carvalho de. **Um olhar estético sobre o telespetáculo esportivo: contribuições para o ensino do esporte na escola**. 2006. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

ARAÚJO, Allyson Carvalho.; CAVALCANTE, Éverton. Aproximação de Professores de Educação Física com Mídia e Tecnologia e seus Reflexos com Relação à Pandemia de Covid-19. **Revista E-CURRICULUM** (PUCSP), v. 21, p. e61515, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/1809-3876.2023v21e61515>

ARAÚJO, Allyson Carvalho; SURDI, Aguinaldo Cesar. Contribuições da fenomenologia para a Educação Física escolar brasileira: caminhos para o campo da comunicação e para a área curricular de linguagens. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, v. 16, n. 35, p. e18402, 2023. DOI: 10.20952/revtee.v16i35.18402. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revtee/article/view/18402>.

BETTI, Mauro. **A janela de vidro: esporte, televisão e educação física**. Campinas: Papirus, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 26 mar. 2023.

CHAVES, Paula Nunes; BARROS, Joyce Mariana Alves; SOUSA, Dandara Queiroga de Oliveira; COSTA, Ana Luiza Silva; ARAÚJO, Allyson Carvalho de. Construindo diálogos entre a mídia–educação e a Educação Física: uma experiência na escola. **Motrivivência**, v. 27, n. 44, p. 150–163, 2015. DOI: 10.5007/2175-8042.2015v27n44p150. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2015v27n44p150>.

FREIRE, Elisabete dos Santos; CONCEIÇÃO, Willian Lazaretti da; ARAÚJO, Allyson Carvalho de; SILVA, Cibele Câmara da; TINOCO, Rafael de Gois; SILVA, Antonio Jansen Fernandes da; VENÂNCIO, Luciana; SANCHES NETO, Luiz. Narrativas de experiências de saberes e uso de tecnologias na educação física escolar. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, v. 7, n. 22, p. 950 - 965. 2022. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/9288>.

Kirk, David. **Physical Education Futures**. New York: Routledge, 2010.

ZYLBERBERG, Tatiana P.; COSTA, Alan Q.; POFFO, Bianca N.; DIEDER, Janaina A.; MENDES, Diego S. Grupo de trabalho temático de comunicação e mídia (GTT2): Cenários e perspectivas a partir de contribuições do comitê científico. In: **VII Congresso CBCE | Região Sudeste III** Seminário de Práticas Pedagógicas na Educação Física Escolar IV Encontro de Práticas Pedagógicas e Inclusivas e Esportivas, 2022, São Paulo. Anais do VII Congresso Sudeste de Ciências do Esporte; III Seminário de Práticas Pedagógicas na Educação Física Escolar, IV Encontro de Práticas Pedagógicas e Inclusivas e Esportivas. São Paulo: CBCE, 2022. p. 12-44.

MARCHI JR., Wanderley. **“Sacando” o Voleibol**. São Paulo: Hucitec; Ijuí: Unijuí, 2004.

OLIVEIRA, Nathalia Dória *et al.* Linguagens e Educação Física na BNCC: uma análise a partir das habilidades prescritas. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 43, p. e004421, 2021.
<https://doi.org/10.1590/rbce.43.e004421>

SILVA, Antônio Jansen Fernandes da *et al.* Desafios da educação física escolar em tempos de pandemia: notas sobre estratégias e dilemas de professores(as) no combate à covid-19 (SARS-COV-2). **Cenas Educacionais**, Caetité, v. 4, n. 10618, p.1-27, 2021.

NOTAS DE AUTOR

AGRADECIMENTOS: ao entrevistado, Prof. Dr. Allyson Araújo, pela atenção e disponibilidade.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA - não se aplica

FINANCIAMENTO - não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

A imagem do entrevistado foi cedida pelo próprio (arquivo pessoal).

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - não se aplica

CONFLITO DE INTERESSES

A autoria considera não haver conflito de interesses.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência** - ISSN 2175-8042 os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITOR ASSOCIADO DA SEÇÃO TEMÁTICA

Alison Pereira Batista

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Giovani De Lorenzi Pires

HISTÓRICO

Recebido em: 22.09.2024

Aprovado em: 22.09.2024